

## Entrevista com Pai Ricardo

**Entrevistador:** Aqui é casa de Ketu, né?

**Pai Ricardo:** É. Nação Ketu.

E: Raiz do Axé do Engenho Velho, né?

PR: Casa Branca do Engenho Velho da Bahia. É uma derivação né, porque no Engenho Velho, na realidade, foram feitas só mulheres e os ogans eram homens. Aí há derivações de outras casas que vieram após e foram sendo feitas outras pessoas do sexo masculino, e acabou de ter várias pessoas do sexo masculino nessa raiz. Por que quando se fala assim “ah, é do Engenho Velho” as pessoas questionam, né? Ah, no Engenho Velho não tem nenhum rodante, que é o que vira no Orixá. Homem é só ogans. Só que houve pessoas que abriram casas, né? Que foram feitas lá, e aquilo foi passando de geração em geração. Então hoje em dia há várias pessoas procedentes do Engenho Velho, não de dentro diretamente, mas que descendem do Engenho Velho. Então babalorixás. Isso é bom frisar porque algumas pessoas questionam.

E: É. Já foi questionando em algum trabalho nosso sobre isso, que só tem raiz, é descendente do Engenho Velho mulher, né? Iyalorixá.

PR: Por que dentro do Engenho Velho, dentro da casa de Yanassô, eram só mulheres rodantes ekedis e homens ogans ou Obás, que são os conselheiros. Só que com o tempo passando os filhos de santos foram recebendo suas contas, seus decás, suas obrigações de sete anos, que é um fechamento de um ciclo, e tendo cargo, abriram suas casas e foram fazendo outros filhos de santo. Então foi gerando descendentes masculinos rodantes. Aí quando é um povo mais tradicional, quando se fala assim Casa Branca do Engenho Velho, o povo fala “a não, isso não existe”. Existe, porque tudo há uma partida, há uma origem, depois há uma continuação. Porque a casa do Engenho Velho é muito antiga né, foi derivando, derivando, derivando, criando outras casas e a descendência foi gerando tudo isso.

E: A data da fundação da casa aqui?

PR: 30 de maio de 92. 14 anos.

E: Quantos anos o senhor tem de santo?

PR: Eu tenho 33 anos de santo. Eu fui feito em 5 de agosto de 74. Eu era da raiz do Gantois e, após falecer o meu zelador, que era Edinho de Yansã, que era do Gantois, aí eu tirei a mão de vume.

E: Que é um ritual? A mão de vume?

PR: É um ritual da retirada da mão do zelador que faleceu. Que aí o zelador falece, né, kufa, como diz na linguagem ritual, e a gente fica com a mão fria. Então obrigatoriamente a gente tem que tirar essa mão né, para uma mão quente, ou seja, de uma pessoa viva. Então eu dei obrigação já na minha casa, de 7 anos com retirada da mão de vume, pelo seu Paulo de Azauany que é Ojumilá Toboulé

Nicongo, que é filho de Ogun Mege, e que vem na descendência até chegar no Engenho Velho. Estou com ele até hoje, fez minha obrigação de 7, tirou minha mão de vume, fez minha obrigação de 14 anos e minha obrigação de 21 anos também. E continuo com ele até hoje.

E: Quando o senhor foi feito o senhor era bem novo?

PR: Eu era, bem jovem, era adolescente.

E: Já era de família dentro do Candomblé?

PR: Não, não, a minha família era toda de umbanda né, e eu não era de nada porque eu não gostava de espiritismo, de nenhum tipo, nem umbanda, nem mesa branca, nem cardecismo, nada que fosse espiritismo eu gostava, tá? Mas minha família era toda disso, de umbanda, não tinha ninguém de nação de candomblé e por sinal eles tinham pavor de candomblé. Hoje em dia existe muitas pessoas que tem pavor porque escuta várias histórias. Algumas até são verdade, mas não pode generalizar porque as casas tradicionais não fazem essa bagunça que hoje em dia tem. Porque o que gerou essa bagunça foi a nossa própria constituição de 1988, que deu liberdade à qualquer pessoa de abrir uma casa de santo e expor a sua religião. Então como a nossa religião não tem um controle como a católica, que tem um Papa, né? Qualquer pessoa vai, abre uma casa de santo, diz que é isso, diz que é aquilo e processa uma coisa que nem sabe o que está fazendo. Entendeu?

E: Então o senhor entende que o próprio ritual do candomblé e a religião como um todo, no caso da casa, a língua usada é o yorubá. Então o senhor entende que isso é uma forma de preservar essa tradição?

PR: Com certeza, a nossa religião é africana, de preservação tradicional, né, inclusive o Engenho Velho é muito rigoroso em determinados rituais. Tanto que hoje em dia as pessoas dizem assim: “tem que modernizar”.

PR: Eu aqui na minha casa tenho uma Elegbara Xoroquê e uma Elegbara Lonã, são duas qualidades diferentes de Elegbara, porque o orixá na realidade a gente não chama Exu. Elegbara e Exu, quando se fala Exu, é aquele que fuma, que bebe, que dá risada, que não é o caso desse orixá.

E: As festas de calendário da casa, de todos os anos.

PR: A gente tem aqui as festas mas no momento nós estamos no preceito porque a lyakekerê, o nome lyakekerê é um cargo, é de mãe pequena, ela kufou, ela morreu, vai fazer 3 meses agora e como era uma pessoa feita na casa, tinha 25 anos de orixá feita e o cargo que ela tinha que era um cargo de muita importância, que no caso a lyakekerê e o Obakekerê, quer dizer, o pai pequeno e a mãe pequena, é a segunda pessoa após o zelador, após o pai de santo. Então como é um cargo muito importante, nós estamos de preceito e a casa está, não parada, mas estamos de recesso em determinadas situações, tipo, tocar atabaque, dar festas, é, ao recorte de animais, essas coisas assim. Tudo isso em respeito ao cargo da pessoa que se foi e ao egum, porque a gente dentro do santo, quando a gente é vivo a gente é elegum, e quando a gente morre a gente se torna lesse

egum, um espírito, de morto. Então por isso há um respeito, como também há a cerimônia de nascimento à cerimônia de morte, que é o axexê, que nós fizemos na data e agora estamos no preceito e não podemos tocar atabaque, só podemos fazer rezas, só podemos fazer as comidas secas, os ebós, coisas assim que não tirem o respeito à aquele espírito, entendeu? Tanto que eu tinha visto de fazer uma prévia com os Ogans e tudo, mas infelizmente não vou poder fazer isso, vou poder mostrar e tudo mas não vai poder tocar.

E: Mas as festas anuais?

PR: Aqui em casa, o nosso calendário não coincide com o calendário da nossa sociedade. Na nossa sociedade termina em dezembro e começa em janeiro, aqui não, nós terminamos em janeiro e começamos em abril, entendeu? Há um recesso. Então a gente começa pelo orixá Odé, é a festa de Oxossi, que é o rei do Keto, que é o orixá da fartura, o orixá dos grãos, da agricultura, então a gente começa com essa parte. É a parte da prosperidade, da fartura, das coisas que vem da terra para alimentar o ser humano, que alimenta o espírito, a alma, tudo nesse sentido. Em junho nós temos a festa, o festival da nação, Ketu, que é a festa de Xangô, o rei da justiça, que no caso é Obakosso, então aqui na casa nós fazemos a fogueira de Airá, que é uma transformação de Obakosso.

E: Transformação como assim?

PR: Porque Obakosso, no que nós cultuamos dentro da espiritualidade da nação africana, a gente não incorpora, a gente não cultua nada que morreu e incorporou na gente, nós lidamos com energia da natureza. A nossa própria energia com a energia da natureza, em transformação, quer dizer, uma troca de energia. Então com essa troca de energia há uma manifestação material no elemento que somos nós rodantes, tá? Então aí a gente faz essa história da transformação. Porque os orixás realmente, eles se encantaram, eles se transformaram, não estiveram mortos e depois ressuscitaram, houve uma transformação. Tanto que em algumas casas dizem “eu sou de Obakosso”. Obakosso realmente não está na cabeça de ninguém porque é um orixá ancestral.

E: É por isso que na casa de pai Valdemiro, quando nós fomos, ele falou “eu não sou de Xangô, eu sou de Airá”, só que a gente entende que Airá é um Xangô, né?

PR: Exatamente, porque Xangô realmente é Obakosso, os outros são Obás, seis à direita e seis à esquerda, seis condenam, seis absolvem, todos são Obás. Obá Airá, que Airá na realidade não é qualidade de santo, há três qualidades de Airá, aí vem Obaganjú, Obagodô, Obabarú, daí vai embora. É a mitologia da hierarquia da casa do Alafins de oió, que são os sacerdotes. Então prosseguindo, em julho nós temos a festa do pilão de Nanã. Daí você deve perguntar por que pilão de Nanã? O pilão de Nanã é uma cerimônia da lyabá mais velha, que é dona da lama e a dona da transformação da vida em morte, a transformação da vida em morte é o seguinte. Dizem que ela é dona da morte, mas não é, é dona da vida enquanto você tem vida, e quando você morre ela te recebe, na terra, é a mesma história da bíblia, do pó viemos, do pó voltaremos. Então é ela que faz nossa transição. Então ela é a lyabá mais velha e em algumas casas ela é considerada a avó dos orixás. Eu já não considero assim, eu considero a lyabá mais velha realmente, mas não a

vó dos orixás, porque Nanã, Obaluaiyê e Omolú, como Oxumarê e Bessen, eles são de origem Jeje Mahin, e foram acoplados, ou adicionados ao Ketu, por brigas tribais. Então foi adicionado. Então no Jeje ela é a soberana, ela é a matriarca, dela gerava tudo, e no Ketu é patriarca, tudo gerava a partir de Oxalá, e com a junção por causa das guerras, tomaram as cidades, houve uma junção de culturas. Então ficou Oxalá, Oxalufã no caso, que é mais velho, como pai de todos, e Nanã como a vó de todos. Mas, na realidade é uma coisa muito maternal, talvez seja pra justificar a idade dessa orixá. Então aqui na casa nós fazemos a festa que é uma cerimônia de transformação da terra para lama, porque ela faz o movimento da terra, a transformação através da lama mexendo com os pés, tanto que isso chama pilão, porque na realidade ela soca a terra, soca a terra, soca a terra, é uma terra seca que vai se transformando numa terra molhada, vai se transformando em lama. E principalmente aqui na minha casa de santo, tem que se dar realmente a festa de Nanã porque ela é a mãe de Obaluaiyê, né, que é o meu orixá. Então para ter o Olubajé, que é uma festa especifica dele, ela como mãe tem que dar autorização. Assim eu aprendi, não sei na casa dos outros, mas na casa dos outros também não tenho nada a questionar, mas é assim que eu aprendi, então eu tenho que dar essa festa para ela autorizar a festa do filho.

E: Então logo depois da festa de Nanã vem a festa de Omolú ?

PR: Omolú é Obaluaiyê, que é chamado Olubajé. Que é uma grande ebó, ou seja, uma grande oferenda. Porque é o orixá da cura e das doenças, entendeu?

E: Ele às vezes é considerado também, tem gente que fala de Obaluaiyê como se ele trouxesse a morte, me explique um pouco sobre isso.

PR: É, é, é, muita gente fala sobre isso. Muita gente acha que por ele ser filho de Nanã, ele traz a morte, e porque também é o orixá das doenças, então o pessoal acha que ele é que traz as doenças, mas não, ele não traz a doença, ele traz a cura para as doenças, entendeu? Então, erroneamente as pessoas acham que ele que contem a doença, ele não contem a doença, ele contem a ira, como todo orixá oboró, orixá macho, e na sua ira ele faz transformar qualquer coisa positiva em negativa, entendeu? Então há uma história, porque o Olubajé na realidade, em especificamente para uma qualidade de Omolú chamado xaponã, que é o orixá que teve varíola, que foi abandonado pela mãe, Nanã, na beira de uma praia, com febre, foi por meio de osculas, Iemanjá saiu das águas e acolheu, e o criou. Então na realidade ele tem duas mães, a mãe biológica e a mãe de criação. Mas mesmo a mãe o renegando ele nunca renegou a própria mãe, ele sempre aceitou ela.

E: Eu posso tocar em uma coisa pessoal?

PR: Pode.

E: O senhor já falou sobre isso anteriormente, da semelhança da sua história de vida com essa história do Obaluaiyê. Pode falar um pouquinho sobre isso nesse momento?

PR: Posso falar. É, eu, eu Ricardo né, pessoalmente tive uma história parecida porque, eu fui renegado já no útero de minha mãe, porque foi uma gravidez não, não planejada né, vamos dizer assim. Porque minha mãe tinha problema de

menstruação, porque as mulheres engravidam e geralmente param de menstruar, e minha mãe só parou de menstruar a partir do quinto mês, esse foi o problema. Então nessa época houve uma separação dos meus pais, e eu fui renegado, no útero e fora dele, porque durante anos meu próprio pai biológico né, que por sinal faleceu essa semana, ele me renegou, e eu fui feito pela minha vó, que também já morreu, mas ela foi feita em lemanjá sobá.. Fui criado pela minha vó, de lemanjá sobá, que é a lemanjá que anda sobre as águas, que tem aquela roupa azul, com estrelinhas no pescoço, e por meu padrinho que era de Xangô, era uma pessoa que não era muito favorável a religião mas não tinha nada contra. Mas durante os anos a gente vai resolvendo as nossas vidas, eu me resolvi muito bem com minha mãe, me resolvi muito bem com meu pai, mas houve essas carências, e eu também era uma pessoa muito doente. Agora vou retomar o que eu falei, eu não gostava de espiritismo de espécie alguma, porque eu via determinadas coisas que eu não aceitava de maneira nenhuma, mesmo criança, na umbanda né, negócio de cair pra cá, cair pra lá, ximba de entidade, eu nunca aceitei isso, eu já era uma pessoa que não aceitava esse tipo de coisa. Então, eu fui muito doente, então eu tive nascimento difícil, porque minha mãe tentou me abortar, mas eu fui tão ruim que não conseguia sangrar, né, ela tomou “erva do norte”. Ela onde morava, ela fez o que podia e o que não podia e nenhum sangramento teve. Mas com isso eu tive, na época como diziam, eu nasci morto, como diziam antigamente, hoje em dia se diz morte aparente. Não queriam mesmo, então não se incomodaram, depois perceberam que eu estava vivo, porque eu nasci na cama amparado por uma enfermeira, que morreu faz uns 24 anos, com noventa e poucos anos. E tive disritmia cerebral, reumatismo, e dentro da parte científica, médica, disritmia cerebral não há cura, e reumatismo não há cura, e eu tratei com neurologista, psiquiatra durante muitos anos, desde que nasci praticamente, tomando aqueles remédios fortes, de maluco como dizem né, hoje em dia trabalho até com eles. Tive uma série de problemas de saúde, saúde, saúde, até chegar ao problema de pele, que é o problema que dá realmente nas pessoas de Obaluaiyê, só que o meu só deu num lado, só no peito do pé, no peito da mão, e no rosto. Bolei, bolar que é? Cair em bola, é a primeira manifestação do orixá de que deve ser feito dentro da nação, boleei no colégio, bolava na rua, bolava em tudo quanto era lugar, mas mesmo assim eu resisti, e hoje em dia eu faço isso, porque as pessoas que eu rezo na minha casa, que não tem conhecimento, diz assim “ah, eu não vou à sua casa porque se eu bolar eu vou ter que raspar minha cabeça”, só que não precisa se preocupar, eu não sou cabeleireiro. Então como eu boleei quarenta vezes, as pessoas podem bolar quantas vezes for necessário, o orixá que vai designar, não eu, se ele quer ou não levantar, mas eu ainda tive esse privilégio de resistir, até chegar a um ponto de que o próprio orixá desistiu e eu não bolava mais, eu ficava em transe, mas começou a dar o problema de pele. Aí eu fui levado pra casa do meu pai de santo assim. No ritual de santo a gente começa a tomar banho, a lavar contas, a fazer um obí, um oborí, e eu fui aprendendo. Mas é uma história interessante.

E: É, eu achei interessante a história porque é o arquétipo da mitologia do Obaluaiyê se repetindo na sua história.

PR: A minha vó foi 35 anos mãe pequena de umbanda, e depois se decepcionou, saiu largou, não sei o que, minha mãe também era, se decepcionou, largou, conclusão, todo mundo que tinha que fazer tudo o que tinha que fazer, fizeram. Aí minha vó foi raspada aos 68 anos de idade, conseguiu, morreu com setenta e poucos anos, mas não conseguiu se tornar Iyalorixá, porque o certo seria pela história da família espiritual, ela se tornar uma Iyalorixa, abrir essa casa de santo, a minha mãe biológica se transformar em Yakekerê da casa, ou seja, a mãe pequena, porque eu teria raspado nessa época, mas não teria direito nem, grau, e ela assumiria a casa até eu poder assumir. Como ninguém fez nada disso, eu tive que fazer e assumir todos esses encargos da família, que estão aqui seguros graças a Deus.

E: Então o senhor entende que a espiritualidade tem herança também?

PR: Com certeza, ninguém se torna espírita, ou guia espiritual se não tiver um problema ancestral. Minha vó era rezadeira e se tornou mãe de santo.

E: A Iyá Nitinha comentou com a gente em outra entrevista que ela tinha horror de candomblé.

PR: Eu não gostava de coisa nenhuma, e candomblé piorou. Na época eu tinha uns 12, 13 anos, estavam muito mal de nação o candomblé. Iam prostitutas, tinha uma folha que virava o sexo da pessoa, e uma série de coisas que hoje ainda se fala, e eu não vou descartar que exista, nas casas que são bagunça ainda se faz esse tipo de coisa, mas que não era a realidade, e eu tinha o maior medo. E não identificavam qual era meu orixá, cada lugar que eu ia, muito por imposição da minha vó porque eu não queria, era um orixá diferente. Eu já fui de Oxossi, eu já fui de Iansã, e sacudo com tudo que é orixá, mas eu realmente sou de Obaluaiyê e Iansã. Obaluaiyê é o dono da casa e é o meu santo.

E: Sobre as festas de calendário?

PR: De agosto nós passamos para outubro, geralmente as casas fazem em setembro por causa do calendário católico de Cosme e Damião, mas nós não fazemos assim, a nossa festa de entidades infantis é em outubro, ou festa de Ire como queira falar, que é uma representação infantil. Dá-se caruru, frutas e essas coisas que é mais do lado de nação, e faz doces, balas, essas coisas por causa das crianças, seres humanos, que não entendem muito o ritual, do caruru, do arroz, que é feito pra Ibeji na nação. Em dezembro tem a festa das Yabás, quer dizer, eu que faço a festa das Yabás porque eu tenho a maior parte dos orixás da casa são Yabás, santas mulheres, porque senão eu faria só a festa de Oyá, que seria meu segundo santo, mas como eu tenho varias Yabás na casa, aí eu faço com as Yabás, que compete: Ewá, Obá, Oyá, Oxum e Iemonjá. Nanã já não entra muito, ela até participa mas não entra muito porque tem a festa específica no mês de julho, então a gente faz esse ritual das Yabás. Cada um compete uma função, a Ewá é a prolongação da vida, a Obá é a parte o feitiço, que cada um temos dentro de nós. Oyá a parte dos ventos e dos raios, que traz essa energia, que também faz parte de um rio na África, o rio Níger, tem Oxum que é dona das águas doces e que compõe a fertilidade, tem Iemonjá que é a Yabá das águas salgadas, que é a parte de fecundação, quer dizer, Oxum faz a parte da fertilidade

e lemonjá da fecundação. Todas as Yabás fazem parte da parte uterina das mulheres.

E: Esse calendário é uma coisa que é acompanhada do Engenho Velho ou é uma coisa feita de acordo com esse terreiro?

PR: Esse calendário a gente procura acompanhar mais ou menos, é, não é rigorosamente o do Engenho Velho, mas a gente procura acompanhar o Engenho Velho. Inclusive no Engenho Velho em setembro, tem a festa dos inhamis novos, que é uma festa ligada a Xangô, que aqui nós não fazemos, né. Em janeiro nós fazemos as águas de Oxalá, é um ritual que na Bahia se faz a lavagem do Bonfim, aqui no Rio agora é feito também, é um ritual de purificação, das pessoas e da casa de santo, que compõe a história de Exu e Oxalá na liderança da ajuda né, mostrando quem tem mais força.

E: Aqui acabou o calendário anual, né? Agora a gente pode pegar um pouco dos cargos que tem na casa.

PR: Na casa nós temos três ekedis confirmadas, porque o cargo no caso a ekedi só recebe quando é confirmada, e na casa temos uma base de sete a oito ekedis, mas por enquanto só três confirmadas. Tem uma entrando mas eu não sei qual o cargo dela, porque geralmente nas casas de santo ekedi é ekedi e ogan é ogan, lava, passa, cozinha, faz tudo, só que aqui não, além do cargo de ekedi ela tem a função dentro do cargo. Então aí, a partir do momento que ela é confirmada, adquire uma função. Então tem a lyaegbé, que é a ekedi Marilene de Oxaguiã. O que quer dizer lyaegbé, é a mãe da sociedade, é ela a responsável pela harmonia da comunidade, porque nossa casa de santo é uma comunidade. Então compete a ela a harmonia na casa de santo, conversar com as pessoas, direcionar as coisas, procurar manter a paz e a harmonia dentro da casa. Depois vem a lyabassé, o que vem a ser lyabassé? Lyabassé é a mãe da comida, da cozinha né, ou seja, vulgarmente chamada de cozinheira do orixá, ela é responsável por toda confecção de todas as comidas de santo, dentro do axé, dentro da casa de santo, tanto para o orixá quanto para as pessoas, e tanto para quando é feito ritual de despachar, quando vem a morrer. yaefun, quer dizer a mãe do efun, e o que é o efun? O efun é o pó, é tudo que se transforma em pó, tanto pra atin, atin é o que? É a mistura de pós, tanto para a feitura do Yaô, nos rituais ele é pintado e a pintura corresponde à sua tribo, é a identificação da sua tribo nativa. E ela é responsável por todo tipo de atin, todo tipo de pó, do bem e do mal, como dizem é Waji, e também faz a parte também de pintura do axexê quando há necessidade. E também tem outros cargos a mais que não vale a pena revelar porque é uma coisa mais secreta. Então de ekedis confirmadas temos essas, e tem uma ekedi que está entrando na casa, de Xangô, mas que ainda não sabemos o cargo, vamos ver o que vai ser. E na parte de ogan, nós temos o Axogun, que é o primeiro ogan, Axogun é o que? É o sacrificador de animais, é aquele que sacrifica os animais para o orixá, é o Cláudio de Odé, ele é responsável por tudo que é sacrifício, tanto pro orixá da casa quanto pros outros orixás, também em vida e morte, quase todos os cargos daqui de casa são de vida e morte. Depois dele vem, que no momento não está mais na casa mas que não foi feito aqui, é um cargo vitalício né, é o Obálasé de Orixalá, que é um Obá, é um ogan mas é um

Obá de Oxalá, porque tanto Xangô tem os Obás, como Oxalá tem os Obás, então a função dele é muito importante e é múltipla.

E: Obá é um cargo pelo santo ou é dado pelo pai de santo?

PR: Geralmente os cargos nascem com a pessoa, apenas tem que estar num lugar, num axé e o zelador entenda o fundamento e localize pra poder ser entregue pelo orixá da casa, mas a pessoa já nasce com esse cargo. Agora, existem Obás, como existiam nos candomblés mais tradicionais, que eram dados como um título pra pessoa ajudar na casa, não é o caso dele tá? Mas pra ajudar a casa, um político, uma pessoa que tivesse condições financeiras, e aí tornava-se um conselheiro da casa para ajudar financeiramente a casa de santo, mas não é o caso desse Obá aí não, ele é Obá mesmo. Depois dele vem o Assobá, conhecido como Marco de Assobá, Marco Aurélio, o que é Assobá ou Assogbá? Em algumas casas Assogbaninde, é um sacerdote, ogan sacerdote para o culto ao Omolu e Obaluaiyê, então tudo que compete ao Omolu e Obaluaiyê ele é responsável. Esse ogan em especial na casa, ele além de ter esse cargo ele tem mais dois cargos internos, ele tem duas funções por ancestralidade. Depois dele vem o ogan Márcio que é Babalaxéloyê, e o que vem a ser Babalaxéloyê? É um cargo de Ogun, de Ogun Meje, é um sacerdote que corresponde às funções e preceitos de Eligbara e Ogun, tem outras funções internas mas a base é essa aí. O primeiro cargo dado foi de lyakekerê, de mãe pequena, e foi essa que foi dada recentemente, mãe pequena é o que? É a segunda pessoa da casa, ela responderia na falta do zelador por algum motivo, não na falta de morte, na falta de não estar num momento, de precisar de alguma coisa ela responderia em função disso, e tem direito de ter filhos de santo também. Porque às vezes a casa de santo é uma comunidade e muitas vezes tem casal, então a lyakakarê e Obaekerê pode ajudar nessa função, porque aí o zelador fica com uma pessoa e a lyakekerê e Obaekerê com a outra pessoa, mantendo a família dentro do axé. Depois vem lyadagan, a função específica dela é o ipadê, ipadê é uma cerimônia, como dizem despachar Exu. Não se despacha Exu, se faz um cerimonial, evoca-se Elegbaras pra coloca Elegbaras no portão, pra tomar conta do portão pra que ninguém entre com más intenções dentro da casa de santo na hora do ritual, tanto interno quanto público. Então, ela tem essa responsabilidade, mas o ipadê é aquele cerimonial que levam as obrigações, aí vai estar ela e outras funções, outros cargos, comandando pra mexer com Elegbaras, mexer com Babaegun e mexer com Yamin. Aí tem ygbadu, é a pessoa responsável pela parte de cores e do ritual da cabaça. A cabaça culturalmente é um fruto duma árvore né, e aquilo ali representa ao mesmo tempo, o globo terrestre, o segredo de Ossaim, mostra o segredo das Yamins e mostra a criação do mundo, então a função é ampla, e junto com isso vem as cores de pós, dentro desse cargo aí. Depois vem a lyamorô, a lyamorô é um cargo específico, é importante dizer, eu quero frisar isso porque eu tenho visto na literatura uma série de coisas, porque eu estou fazendo curso. A yaefun, ela só pode ser de Oxum, lemonjá e Oxalá, porque hoje em dia estão dando cargo de lyae fun até pra Eligbara, pra Oyá, pra Odé, então eu quero frisar isso porque os mais antigos fazem o culto de verdade. E eu estou frisando isso porque o cargo de lyamorô é um cargo que é expressamente de pessoas de Oyá, ou pessoas de Xangô, e a parte que mexe com ebós, ebós de todos os tipos,

ebós de egun, ebó de feitiços, tudo que é tipo de ebó, e mexe com ebó de Elegbara, ebó de Yamin, tudo que é tipo de ebó, é um cargo muito importante na casa de santo, mas é um cargo que não pode ter filhos de santo. Iyamorô quer dizer mãe do segredo, mãe do segredo da casa.

E: A palavra ebó é utilizada de várias formas em várias nações, cada uma de uma forma, por quê?

PR: O ebó em si, quando a gente fala ebó é só aquele que a gente passa no corpo, mas o ebó não, a palavra ebó representa oferenda. O significado dela é oferenda, aí você vai especificar, se é ebó efun, se é ebó egun, ebó, sabe? Vários tipos de coisa, vai ter uma palavra a seguir, mas ebó em si é qualquer tipo de oferenda. Tem o ebó de limpeza de corpo, que é um ebó, porque você vai oferecer pra alguém. A diferença é a direção que você vai levar a oferenda.

PR: Tem a mãe criadeira, é a pessoa, quando o Iyaô, a Ekedí, o Ogan, a pessoa que está sendo preparada, está sendo iniciada dentro do santo fica recolhida, ela que dá os cuidados à pessoa que está sendo recolhida, por isso que eles chamam vulgarmente como mãe criadeira, ela que faz as rezas, ela ajuda a criar os iniciados, é a mãe dos iniciados. É a que ensina, que reza, que alimenta, que compõe preceitos, é uma peça muito importante na casa de santo. Tem também a Iyáodofin, é a responsável pelos axés da casa, ou seja, todo tipo de lavagem e de limpeza da casa, ou seja, lavagens de ori, limpeza dos axés, orientar o osé anual e tudo que está ligado às ervas, feitas pra lavar o ori ou qualquer peça fundamental dentro da casa. E tem outros cargos a mais que já tem dentro da casa mas são pessoas que não estão feitas e confirmadas. Confirmadas que eu digo é ogan e ekedí, porque há funções e cargos, o cargo é ter o Iyaô de grau, mas a função é o nome. Eu tenho quatro ogans na casa.

E: A associação, é?

PR: Associação beneficente Iylê Assé Obaluayê Azauany

E: E foi feita quando a associação?

PR: Foi feita em 8 de agosto de 2000.

E: E ela tem alguma função social?

PR: Ela tem uma série de coisas. Ela ajuda a comunidade local, naquilo que for necessário, e ajuda na proteção do axé né. Ajuda médica, uma série de ajudas que possa se oferecer pela associação. Promove cursos, não só em questão religiosa. A gente está tentando ver se através da associação a gente consegue mais alguma coisa, tanto pra casa de santo como pra comunidade, a gente está com um monte de projetos pra encaminhar.

E: Tem estatuto? Está tudo feito?

PR: Tem estatuto, tem diretoria.

PR: Fora as festas que eu falei do calendário, independente disso, quando há necessidade a gente faz outras festas. Confirmação de ogan, confirmação de ekedí, pode ser fora dessas festas, Iyaô, tudo que tiver, obrigação de santo.

E: O senhor viveu em Angola?

PR: É, eu vivi em Angola, trabalhei 5 anos em Angola. Fui contratado no Rio de Janeiro e emprestado para OSEL. Então lá realmente é muita coisa difícil, aqui no Brasil, por mais pobre que seja, que passa fome entre aspas, não é mesma coisa que lá, e lá o regime político é completamente diferente daqui, tem coisas boas e coisas ruins, por exemplo a lei trabalhista deles é cem por cento melhor do que a nossa. O homem pode ter três ou quatro mulheres em casa, casadas, agora, se uma delas trair ele, ele mata ela, pela honra. Ele pode ter três ou quatro mulheres, mas elas não. Na cidade de Ruanda é falado o kimbundo, que é a linguagem da Angola, nação aqui do Brasil, o kimbundo e o português de Portugal, mas eles falam tão corrido que quando você chega você não entende uma palavra, com a convivência que você começa a captar, mas no interior é só língua nativa, línguas nacionais. Eu quando trabalhei lá estava em guerra ainda, hoje em dia já não, mas você via muita miséria. Agora, em matéria de estudo, é superior ao Brasil. E o candomblé é totalmente diferente daqui do Brasil, não tem nada a ver, não tem nada a ver. É uma coisa de difícil acesso, eu ainda tive um acesso duas vezes, porque lá em Angola eu sou considerado mestiço, porque lá em Angola eles são racistas, são negros racistas, porque os portugueses escravizaram muito eles, então eles são muito racistas. Então eu busquei muito, eu demorei muito e tive acesso, mas tive acesso assim, porque eu aprendi o kimbundo, hoje em dia eu não sei mais falar, mas eu aprendi a escutar e depois aprendi a falar alguma coisa. Mas eu fui as duas vezes mas não sei dizer como, eles fizeram de tudo pra eu não ver. Eles rodaram, eles reviraram, eu sei que eu cheguei no local e era subterrâneo, mas uma coisa assim faraônico, faraônico que eu digo assim, você não via ninguém virado em nada, ninguém incorporado em nada, você via energia, as mulheres dançavam, dançavam, dançavam, tinham poucos homens, dançavam, cantavam, cantavam, cantavam, você sentia aquela energia, aquilo te envolvia. Quando alguém virava ou incorporava alguma coisa era uma festa, mas era a coisa mais rara do mundo. E são quatro atabaques, feito de tronco de árvore, desta largura, e são mulheres que tocam, e a dança é geralmente pra trás, eles rodam, mas pra trás, que aqui a gente dança anti-horário e lá eles andam rodando pra trás. A gente amarra a faixa pra frente e eles amarram a faixa pra trás, então tem tudo isso. Eu só fui duas vezes, a primeira eu não vi nada, ninguém incorporar, na segunda eu vi mas não consegui identificar que orixá, que entidade era aquela, tinha alguma coisa a ver com quiabo, que no caso aqui no Brasil é Xangô, mas não era, era uma entidade fêmea, tinha um caruru numa cuiazinha e aquilo foi servido, e o negócio dançando, muito interessante.